

Sylvia Day

ORGULHO E PRAZER

Tradução
Marta Pinho

*Quinta Essência**

Capítulo 1

Londres, Inglaterra, 1818

Como caçador de ladrões, Jasper Bond já fora a encontros em inúmeros locais invulgares, mas este era o primeiro numa igreja. Alguns dos seus clientes sentiam-se em casa nos pardieiros que a sua equipa vasculhava. Outros preferiam palácios. Este potencial cliente, em particular, parecia ter profundas convicções religiosas, pois escolhera como local de encontro a igreja de Saint George. Jasper desconfiava que a considerasse um local «seguro», o que lhe indicava que esta pessoa estaria inquieta pelo facto de se encontrar com um indivíduo de moralidade duvidosa. Tanto melhor. Provavelmente seria bem pago e mantido à distância: o seu tipo de trabalho preferido.

Ao descer da carruagem, Jasper deteve-se a admirar o imponente pórtico e as colunas coríntias da fachada da igreja. De lá de dentro vinha o som de um canto sussurrado, um agradável contraste com a gritaria do cocheiro e os cascos dos cavalos atrás de si. Bateu no chão com a bengala, o punho em forma de cabeça de águia aninhado na palma da mão enluvada. Com o chapéu na mão, Jasper mandou o cocheiro embora.

O encontro daquele dia fora combinado por Thomas Lynd, um homem que partilhava o ofício e a confiança de Jasper por várias razões, a mais importante das quais por ter sido seu mentor na profissão. Jasper nunca ousaria chamar a si próprio um

homem de moral, mas seguia o código de ética que Lynd lhe ensinara – ajudar os que realmente precisam. Não extorquia dinheiro em troca de proteção, como outros caçadores de ladrões. Não roubava bens com uma mão para, com a outra, cobrar pela sua devolução. Simplesmente encontrava o que estava perdido e protegia quem desejava segurança, o que o fazia pensar porque estaria Lynd a passar-lhe aquele caso. Com princípios tão semelhantes, qualquer um deles seria tão bom como o outro.

Jasper era apaixonado por enigmas e mistérios, por isso intrigava-o a razão pelo qual Lynd não quisera ocupar-se deste caso. Isso e o facto de ter de ir pessoalmente ao local de encontro, o que raramente fazia. Preferia enviar colaboradores de confiança, de forma a manter o anonimato necessário aos seus planos pessoais.

Ao subir as escadas da igreja, parou para absorver a música que o envolvia. Na parte da frente, do lado direito, elevava-se o púlpito com a sua cúpula; do lado esquerdo, o ambão de dois níveis. Os inúmeros bancos estavam vazios de fiéis. Apenas o coro ocupava o seu lugar, enchendo o ar com a sua oração musical.

Jasper viu as horas no seu relógio de bolso. Era a hora combinada. Na sua profissão, ser escravo da pontualidade era de uma utilidade extrema. Avançou até às escadas que o levariam à galeria do lado direito, onde decorreria o encontro.

Quando chegou ao patamar, parou. O seu olhar foi atraído e detido por tufos rebeldes de cabelo branco que desafiavam a gravidade. Uma fita preta tentava desesperadamente domar aquela massa de cabelo, mas tudo o que conseguira fora apinhá-la de lado. Enquanto observava a cena, o infeliz dono deste horrendo penteado levou as mãos ao cabelo e coçou a cabeça, deixando o cabelo ainda mais despenteado.

Jasper estava tão fascinado com tal monstruosidade que demorou algum tempo a reparar na mulher baixa que estava ao lado do dono do penteado. Mas, quando a viu, o seu interesse

mudou. Num contraste absoluto com o companheiro, a mulher fora abençoada com brilhantes madeixas de um matiz loiro-acobreado tão raro que chamava a atenção. Eram os únicos ocupantes da galeria, contudo, nenhum revelava a tensa expectativa de quem espera uma pessoa ou acontecimento. Estavam, sim, invulgarmente concentrados no coro lá em baixo.

Onde estaria a pessoa com quem viera encontrar-se?

Ao sentir-se observada, a mulher virou a cabeça e fitou o olhar pesado de Jasper. Era atraente. Não da maneira excepcionalmente notável do seu cabelo, mas interessante, ainda assim. Uns olhos azuis profundos fitaram-no de detrás de espessas pestanas. Tinha um nariz assertivo e maçãs do rosto pronunciadas. Quando mordeu o lábio inferior, deixou ver uns belos dentes brancos e, quando contraiu os lábios, revelou uma minúscula covinha no rosto. Era um rosto mais elegante do que bonito, que mostrava o seu aparente desagrado por vê-lo.

– Mister Bond – disse ela, após um breve silêncio. – Não o ouvi chegar.

Poder-se-ia dizer que a culpa era do coro, mas a verdade é que ele caminhava sempre de forma silenciosa. Aprendera a técnica há muito tempo, já lhe salvara a vida e continuara a fazê-lo nos tempos mais recentes.

A mulher levantou-se, avançou para ele com um passo determinado e estendeu-lhe a mão. Como se fosse uma deixa, os cantores calaram o seu hino, mergulhando a igreja num silêncio repentino, quebrado pela mulher:

– Chamo-me Eliza Martin.

A sua voz surpreendeu-o. Era suave como uma brisa de verão, mas tecida com fio de aço. O som ecoou, espicaçando a imaginação de Jasper e fazendo-o viajar para sítios indevidos.

Jasper mudou a bengala de mão e aceitou o cumprimento.

– Miss Martin.

– Agradeço a amabilidade de se ter encontrado comigo. Contudo, é exatamente como temia.

– Ah, sim? – Apanhado de surpresa pela sua abordagem direta, Jasper ficou ainda mais intrigado. – Em que sentido?

– Em todos os sentidos. Contactei Mister Lynd porque precisamos de um determinado tipo de pessoa. Lamento dizer-lhe que não preenche o requisito.

– Poderia ser um pouco mais concreta?

– São demasiadas questões – afirmou.

– No entanto, um homem da minha profissão procura previsibilidade nos outros mas receia-a em si próprio. Uma vez que me considera o epítome do que não deseja, sinto que devo pedir-lhe que me indique os critérios nos quais baseia a sua avaliação.

Miss Martin pareceu refletir sobre a sua resposta por uns instantes. Neste breve momento de introspeção, Jasper confirmou o que o seu instinto sentira à primeira vista: não era indiferente a Eliza Martin. Sem se aperceber, os seus sentidos mais básicos reagiam a ele tanto quanto os dele reagiam a ela: as suas delicadas narinas abriram-se, a sua respiração acelerou, o seu corpo tornou-se tenso... Como uma corça que sente o caçador por perto.

– Sim – respondeu ela, com a voz embargada. – Talvez seja verdade.

– Claro que é verdade. Eu nunca minto aos meus clientes. – Também nunca dormia com eles, mas isso estava prestes a mudar.

– Ainda não foi contratado – recordou –, por isso, ainda não sou sua cliente.

O homem do cabelo assustador interveio:

– Eliza, casa com Montague e acaba com esta farsa.

Ao ouvir aquele nome, Jasper percebeu porque recebera aquele caso e como Eliza Martin dificilmente se poderia livrar dele.

– Não permitirei que me pressionem, tio – retorquiu com firmeza.

– Então, convida Mister Bond a sentar-se.

– Não é necessário.

Contornando-a, Jasper sentou-se no banco atrás deles.

– Mister Bond... – Miss Martin soltou um suspiro, resignada. – Tio, posso apresentar-lhe Mister Jasper Bond? Mister Bond, apresento-lhe o meu tio, conde de Melville.

– Lorde Melville. – Jasper cumprimentou-o com uma ligeira inclinação da cabeça. Sabia que Melville era chefe da família Tremaine, famosa pelas suas excentricidades. – Acredito que concluirá que sou altamente qualificado para qualquer tarefa que exija um caçador de ladrões.

Os olhos azuis de Miss Martin fitaram-no num silêncio repreendedor por tentar ignorá-la.

– Meu caro senhor, estou certa de que será capaz de lidar com a maioria das circunstâncias. Contudo...

– E os tais critérios? – interrompeu, virando-se. Não lhe agradava continuar quando havia assuntos pendentes.

– É muito persistente. – Ela continuava de pé, como que pronta a despedi-lo.

– Uma excelente característica na minha profissão.

– Sim, mas isso não atenua as restantes.

– Quais?

O conde olhava ora para ela, ora para ele.

Eliza abanou a cabeça:

– Não podemos esquecer o assunto, Mister Bond?

– Preferia que não. – Pousou o chapéu no banco, ao seu lado. – Sempre me orgulhei da minha capacidade para gerir qualquer situação. Como poderei prestar um serviço exemplar se não puder fazer esse pedido?

– Caro senhor – protestou Miss Martin –, não disse que seja incapaz na sua profissão em termos gerais, apenas no que diz respeito à nossa situação...

– Que é...

– Um assunto algo delicado.

– Não poderei ajudá-la se não conhecer os pormenores – argumentou.

– Eu não quero a sua ajuda, Mister Bond. Ainda não percebeu.

– Porque se recusa a explicar-se. Mister Lynd achou que eu seria indicado e a menina confiou no seu parecer a ponto de marcar este encontro. – Jasper agradeceria a Lynd pelo caso. Há muito tempo que não sentia tanto interesse por alguma coisa além da sua sede de vingança.

– Mister Lynd não tem as minhas preocupações.

– Que são...?

– O senhor é exasperante.

E ela era fascinante. Os olhos brilhavam de irritação, o pé direito batia no chão e as mãos fechadas mexiam-se, como que a querer pousar nas ancas. Mas resistiu à tentação. Ele achou a sua resistência ainda mais atraente. O que seria preciso para a quebrar e vê-la livre, sem se refrear? Mal podia esperar por descobrir.

– Compensá-lo-ei pelo tempo que perdeu aqui hoje – afirmou ela –, por isso, não veio em vão. Não há necessidade de continuarmos com a discussão.

– Esquece-se da possibilidade de eu atribuir o seu caso a um membro da minha equipa, Miss Martin. Todavia, teria de o conhecer para poder avaliar qual seria o mais adequado às suas exigências. – A intenção dele era tratar ele mesmo do caso, mas não recusava um pequeno subterfúgio quando a recompensa era tão deliciosa.

– Ah... – Eliza mordeu o lábio inferior novamente. – Não tinha pensado nisso.

– Eu reparei.

Miss Martin sentou-se finalmente no banco com um movimento gracioso.

– Desde que fique bem claro que não será o senhor a tratar do caso.

– Nada está claro. – Jasper apoiou a bengala entre as pernas e colocou as mãos no punho, uma sobre a outra. – Pelo menos, para mim.

Eliza olhou para o tio e depois, relutante, outra vez para Jasper.

– Obrigá-me a dizer o que preferia calar, Mister Bond. Francamente, é demasiado atraente para esta tarefa.

Jasper ficou calado de espanto. Depois sorriu por dentro. Como ela era encantadora, mesmo quando estava zangada.

– Mister Lynd dava menos nas vistas que o senhor – continuou ela. – O senhor é bastante encorpado e, como já referi, demasiado atraente.

Lynd era vinte anos mais velho e de altura, feições e constituição vulgares. Jasper olhou para o conde e percebeu que fitava a sobrinha, confuso.

– Não percebo que influência tem o meu rosto nas minhas capacidades de investigação.

– Além disso – Eliza subiu o tom de voz ao abordar os seus defeitos –, seria impossível esconder esse seu ar que o distingue.

– Diga-me, por favor, que ar é esse. – Ele começava a ter dificuldade em esconder o seu crescente prazer na conversa.

– O senhor é um predador, Mister Bond. Tem aspeto de predador e comporta-se como tal. Para ser direta, é claramente capaz de ser um homem perigoso.

– Compreendo. – O fascínio evoluiu para atração. Afinal, talvez ela não fosse assim tão inocente. Ele gastava fortunas em roupas, compondo deliberadamente uma aparência tão polida que muito poucos conseguiam distinguir os traços grosseiros subjacentes.

– Duvido que fosse eficiente na sua profissão se não possuísse qualidades de predador ou perigoso – rematou ela num tom conciliador.

– E muitas outras – acrescentou ele.

Miss Martin anuiu.

– Sim, creio que a profissão requer que seja versado numa variedade de talentos.

– Ajuda, sem dúvida.

– Contudo, a sua beleza masculina anula tudo isso.

Jasper estava disposto a avançar.

– Vá direta ao assunto, Miss Martin. – Concretamente, contratou-me para fazer o quê?

– Muitas coisas. Proteção, investigação e... para fingir ser meu pretendente.

– Como? – A voz de Bond ressoou pelo ar.

Eliza estava nervosa e desorientada e a culpa era dele. Não previra que fosse tão persistente ou curioso. E nunca esperara um homem tão atraente. Além de ser o homem mais bonito que já vira, estava vestido como um lorde e movia-se com a graça e a elegância de um predador.

E olhava-a de uma forma que só traria problemas.

Ser assim observada por um homem como Jasper Bond era desconcertante. Normalmente, homens como ele ignoravam as mulheres de aparência vulgar mal as viam. Por isso se esforçava tanto por usar roupas o mais discretas possível. Porquê encorajar reações com as quais não conseguiria lidar?

Talvez o interesse dele se devesse à cor do seu cabelo... A sua mãe dissera-lhe que alguns homens preferem certas partes do corpo da mulher e cabelos de uma determinada cor.

– Poderia repetir, Miss Martin? – pediu Bond, olhando-a com os seus olhos escuros e intensos.

Eliza amaldiçoou o facto de se sentir impelida a olhar diretamente para a pessoa com quem falava. Era-lhe difícil pensar depressa, pois sentia-se deslumbrada pela perfeição de Jasper Bond. Por mais assombroso que fosse dos ombros para baixo, era-o ainda mais dos ombros para cima. Tinha o cabelo grosso e escuro como a sua tinta preferida e fora abençoado com um brilho semelhante. O comprimento – ligeiramente longo – era perfeito para enquadrar as suas feições: o nariz distinto, os olhos profundos, a boca severa mas sensual. Era incrível como

conseguia ser tão intimidante com um rosto tão bonito. Era um homem que claramente ninguém gostaria de enfurecer.

– Preciso de proteção – repetiu ela.

– Sim.

– Investigação...

– Também já ouvi isso.

– E – o seu queixo ergueu-se – de um pretendente.

Ele anuiu como se fosse um pedido vulgar, mas os olhos brilhavam de expectativa.

– Foi o que me pareceu ter ouvido.

– Eliza... – O conde fitou as suas mãos entrelaçadas e abanou a cabeça.

– Senhor – começou Bond em tom informal –, estava a par da natureza do pedido de Miss Martin?

– Vivemos tempos difíceis – murmurou Lorde Melville.

– Tempos difíceis.

Bond voltou o olhar para Eliza, que levantou as sobrancelhas.

– Ele é surdo? – perguntou Bond.

– A sua mente é tão avançada que bloqueia perante a mediocridade.

– Ou então ficou confuso com o seu pedido.

Eliza endireitou as costas.

– O meu pedido é perfeitamente razoável. E o sarcasmo não leva a lado nenhum, Mister Bond. Por favor, abstenha-se.

– Sim? – disse num tom algo ameaçador. – E o que espera alcançar procurando um pretendente?

– Não procuro um garanhão. Só uma mente depravada tiraria essa conclusão.

– Garanhão...

– Não é isso que está a pensar?

Jasper esboçou um sorriso perverso e, ao vê-lo, o coração de Eliza deixou de bater por um instante.

– Não, não é.

Desejando concluir a reunião o mais rapidamente possível, Eliza prosseguiu.

– Tem alguém que me possa ajudar ou não?

Bond resmungou suavemente, mas o som trocista pareceu ser dirigido para dentro e não para ela.

– Começemos pelo princípio, por favor, Miss Martin. Por que precisa de proteção?

– Recentemente fui por diversas vezes vítima de vários infelizes, e suspeitos, acontecimentos.

Eliza esperava que ele risse ou que talvez lhe lançasse um olhar desconfiado. Jasper não fez nada disso. Pelo contrário, Eliza viu-o transformar-se. Desde que chegara que se mostrara ferozmente concentrado, mas tornou-se ainda mais, agora que ela lhe apresentara o problema. Deu por si a admirá-lo por mais do que a sua beleza.

Jasper inclinou-se ligeiramente.

– Que tipo de acontecimentos?

– Fui empurrada para o lago de Hyde Park. Cortaram as correias da minha sela. Soltaram uma cobra no meu quarto...

– Pelo que sei, foi um polícia que lhe indicou Mister Lynd, que, por sua vez, me indicou a mim.

– Sim. Eu contratei um polícia durante um mês, mas Mister Bell nada descobriu. E não sofri qualquer ataque durante esse tempo.

– Quem lhe quereria fazer mal e porquê?

Eliza sorriu timidamente, uma pequena demonstração de gratidão pela seriedade que ele mostrava. Anthony Bell fora-lhe altamente recomendado, mas nunca a levava a sério. Na verdade, divertia-se com as suas histórias e ela nunca sentira que ele se empenhava em descobrir o que se passava.

– A bem da verdade, não estou certa de que me quisessem magoar fisicamente ou se apenas me queriam pressionar a casar como forma de garantirem um tipo de segurança permanente. Seja como for, não consigo perceber porquê.

– É rica, Miss Martin? Ou espera ser?

– Sim. É por isso que duvido que me quisessem magoar, tenho mais valor viva. Mas há quem pense que não estou segura em casa do meu tio. Dizem que ele não me pode proteger convenientemente, que tem a cabeça afetada e está pronto para ser internado. Como se alguém capaz de sentir compaixão mandasse um cão vadio para um desses sítios, quanto mais um familiar querido.

– Disparates – escarneceu o conde. – Estou em perfeita forma, de corpo e mente.

– Assim é, tio – concordou Eliza, sorrindo-lhe com afeto. – Deixei bem claro a todos que o mais provável é Lorde Melville viver até aos cem anos.

– E o que espera conseguir acrescentando-me à sua lista de pretendentes? – inquiriu Bond. – Dissuadir o culpado?

– Espero que, ao acrescentar um dos seus colaboradores – corrigiu ela –, possa evitar mais incidentes nas próximas seis semanas da temporada social. Além disso, se o meu novo pretendente for considerado uma ameaça, talvez o biltre volte a sua atenção maliciosa para ele. E então talvez o consigamos apanhar. Bem gostaria de saber que métodos de dedução usou para formular este plano e o que espera ganhar com ele.

Bond recostou-se e mergulhou nos seus pensamentos.

– Nunca poderia entregar um papel tão perigoso a uma pessoa inexperiente – prosseguiu ela rapidamente. – Mas um caçador de ladrões, um homem habituado a criminosos e outros infelizes... Penso que uma pessoa da sua profissão estará à altura de um vil caçador de fortunas.

– Compreendo.

Ao lado dela, o seu tio murmurava, resolvendo *puzzles* e equações mentalmente. Tal como ela, sentia-se mais confortável com acontecimentos e reações que pudessem ser quantificados ou previstos com alguma certeza. Lidar com questões que desafiavam a razão era demasiado esgotante.

– Que tipo de indivíduo considera ideal para desempenhar este papel de pretendente, protetor e investigador? – perguntou Bond, finalmente.

– Deve ser calmo, ponderado e um ótimo dançarino.

Com o semblante carregado, Jasper perguntou:

– Em que medida é que ser aborrecido e saber dançar contribui para apanhar um possível assassino?

– Eu não disse «aborrecido», Mister Bond. Tenha, por favor, a amabilidade de não me colocar palavras na boca. Para ser digno do meu interesse, deve ser alguém que toda a gente acreditaria que me atraísse.

– Os homens bonitos não a atraem?

– Mister Bond, não gostaria de ser mal-educada, mas não me deixa alternativa. Definitivamente, o senhor não é o tipo de homem cujo temperamento seja compatível com o matrimónio.

– Sinto-me aliviado por uma mulher o reconhecer – retorquiu ele, indolente.

– Como poderia alguém duvidar? – Eliza fez um gesto largo com a mão. – Mais facilmente o imagino num duelo de espadas ou a andar aos murros com alguém do que a jogar *croquet* durante a tarde, xadrez após o jantar ou a desfrutar um serão tranquilo em casa, com a família e os amigos. Sou uma intelectual. E embora não esteja a insinuar que lhe falte perspicácia, é obviamente mais dotado para atividades físicas esgotantes.

– Estou a ver.

– Basta olhar para si para perceber que não é igual aos outros! Seria imediatamente evidente que eu nunca escolheria um homem como o senhor, nem remotamente. É óbvio que não concordamos nas questões mais fundamentais, e todos sabem que eu sou demasiado atenta para não ver isso. Sinceramente, Mister Bond, não é o meu tipo de homem.

Jasper olhou-a com ironia, mas sem a presunção que o tornaria irritante. Mostrou uma firme autoconfiança livre de preconceitos. E isso atraiu ainda mais Eliza, o que a deixou receosa.

Ele só traria problemas. Eliza não gostava muito de problemas.

Jasper olhou para o conde.

– Peço desculpa, senhor, mas tenho de falar sem rodeios sobre este assunto. Sobretudo porque se trata do bem-estar físico de Miss Martin.

– Parece-me bem – concordou Melville. – Direto ao assunto, é o que digo sempre. O tempo é demasiado precioso para desperdiçar com ninharias.

– Concordo. – Bond voltou a olhar para Eliza e sorriu. – Miss Martin, desculpe-me, mas tenho de lhe dizer que a sua inexperiência está a toldar-lhe a abordagem da situação.

– Inexperiência em quê?

– Homens. Mais concretamente caçadores de fortunas.

– Fique sabendo – retorquiu ela – que em seis temporadas sociais ganhei experiência mais do que suficiente com cavalheiros em busca de dinheiro.

– Então – insistiu ele, em tom lento –, porque não percebe que eles conseguem o que pretendem por razões que nada têm a ver com adequação social?

Eliza pestanejou.

– Perdão?

– As mulheres não casam com caçadores de fortunas porque eles sabem dançar e são calmos. Casam com eles pelo seu aspeto e pelas suas proezas físicas, dois atributos que já concluiu que eu possuo.

– Não estou a ver...

– Claro que não, mas eu explico. – O seu sorriso continuava a crescer. – Os caçadores de fortunas bem-sucedidos não se dedicam a satisfazer as necessidades intelectuais de uma mulher. Para isso existem os amigos e os conhecidos. Não procuram fazer o tipo de companhia próprio de eventos sociais ou de um jogo. Mais uma vez, para isso existem outras pessoas.

– Mister Bond...

– Não, os caçadores de fortunas procuram satisfazer a única posição que lhes é exclusiva, uma posição que alguns homens não fazem qualquer esforço para preencher. Esta capacidade é tão rara que muitas mulheres esquecem tudo o resto.

– Por favor, não diga...

– Fornicação – murmurou o conde para depois voltar a falar sozinho.

Eliza levantou-se.

– Tio!

Como ditava a cortesia, quer o tio quer Mr. Bond levantaram-se logo depois dela.

– Prefiro chamar-lhe «sedução» – retorquiu Bond com um sorriso no olhar.

– Eu chamo-lhe ridículo – exclamou ela, de mãos nas ancas. – No grande plano da vida, já viu como passamos pouco tempo na cama, em comparação com outras atividades?

Jasper baixou os olhos para as ancas dela e fez um sorriso rasgado.

– Isso depende de quem é o outro ocupante da cama.

– Credo! – Eliza estremeceu perante o olhar que Jasper Bond lhe lançava. Era... expectante. Por alguma razão desconhecida e maldita, conseguira espicaçar o seu orgulho masculino.

– Dê-me uma semana – sugeriu ele. – Uma semana para provar o meu ponto de vista e a minha competência. Se, no fim dessa semana, não a conseguir convencer, não aceitarei qualquer pagamento pelos serviços prestados.

– Excelente proposta – exclamou o conde. – Fica-se sempre a ganhar.

– Não é verdade – contrapôs Eliza. – Como explicarei o súbito desaparecimento de Mister Bond?

– Duas semanas, então – corrigiu Bond.

– Não está a perceber o problema. Eu não sou nenhuma atriz. Será evidente para todos que estou longe de me sentir «seduzida».

O tom do sorriso de Jasper mudou, ajudado por um atrevido pestanejar dos seus olhos escuros.

– Deixe isso comigo. Afinal, é para isso que me paga.

– E se falhar? Quando desaparecer, serei obrigada a inventar desculpas e terei de procurar outro caçador de ladrões para o substituir. Tudo isto será terrivelmente suspeito.

– Teve sempre os mesmos pretendentes durante seis anos, Miss Martin?

– Isso não é...

– Não acabou de enumerar as diversas razões pelas quais não me considera um pretendente adequado a si? Não poderá simplesmente reiterar essas razões a quem a inquirir sobre o meu desaparecimento?

– É demasiado persistente, Mister Bond.

– Bastante – concordou ele – e é por isso que hei de descobrir o responsável pelos lamentáveis acidentes que a preocupam e o que pretende com eles.

Eliza cruzou os braços.

– Não estou convencida.

– Confie em mim. Foi, de facto, uma sorte Mister Lynd nos ter juntado. Se não conseguir deter o culpado, é porque é impossível de apanhar. – Jasper fechou as mãos sobre o punho da bengala. – A satisfação do cliente é o meu ponto de honra, Miss Martin. Quando encerrar o assunto, garanto-lhe que estará extremamente agradecida pelo meu desempenho.

Capítulo 2

— Às vezes fico impressionado com o meu próprio brilhantismo — gabou-se Thomas Lynd ao entrar no gabinete de Jasper de chapéu na mão.

Lynd dispensava sempre os serviços de um mordomo formal. Preferia lacaios a outros criados de porte superior ao seu.

Jasper recostou-se na cadeira com um sorriso de boas-vindas.

— Desta vez excedeste-te.

Como era hábito, as roupas de Lynd eram exageradas e não lhe assentavam bem. Eram o resultado de um fraco alfaiate a trabalhar material caro, mas sem o conhecimento de como melhor o utilizar. Ainda assim, Lynd apresentava um visual mais refinado do que outros colegas de profissão. Pisava uma linha estreita, que lhe permitia manter o respeito e o acolhimento das classes mais baixas, ao mesmo tempo que não constituía ameaça para os seus pares.

Lynd deixou-se cair numa das duas cadeiras em frente à secretária.

— Assim que ela disse o nome Montague, não tive qualquer dúvida. — Embora visitasse Jasper com frequência, perscrutou a sala como se a visse pela primeira vez. Deteve o olhar nas estantes de mogno que cobriam a parede mais distante e nos

cortinados de veludo em tom de safira que ladeavam as janelas do outro lado. – Além disso, ela queria um pau-mandado e nenhum dos nossos conhecidos tem o teu *pedigree*.

– Ser bastardo nunca é uma vantagem. – Jasper pisou a linha que Lynd tão bem atravessara, o que resultou, surpreendentemente, a seu favor. Era muitas vezes contratado por pessoas que pretendiam que os seus serviços passassem despercebidos e que estavam dispostas a pagar mais por tal discricção. Essa tendência permitia-lhe trabalhar com Eliza Martin porque o seu rosto não era conhecido.

– Neste caso é. – Lynd passou a mão pelo cabelo castanho, ainda sem o acinzentado da idade. – É preciso ser de boas famílias para tolerar aqueles idiotas pomposos com quem a sobrinha do Melville espera que convivas, e tu passarás bem mais despercebido nos eventos a que ela espera que vás do que qualquer outra pessoa de que me lembre.

De pé, Jasper aproximou-se do aparador junto à janela onde o aguardavam garrafas de licores e copos de cristal. Lynd era uma das poucas pessoas que conheciam a ascendência de Jasper. Ganhara a sua confiança quando, um dia, fora amável com a sua mãe, numa altura em que ela precisara desesperadamente.

Enquanto servia dois *Armagnac*, Jasper deteve o olhar nos dois criados andrajosos que esperavam na rua. Pertenciam a Lynd.

Jasper demorara algum tempo a encontrar uma zona respeitável onde pudesse exercer a sua atividade calmamente. Os vizinhos toleravam as intermináveis idas e vindas da sua equipa, porque achavam que a sua presença era útil para reduzir os roubos na vizinhança. Para ele, os seus serviços à comunidade eram um baixo preço a pagar por estar longe das zonas à volta da Fleet Street e de Strand, onde viviam Lynd e muitos outros caçadores de ladrões. Lá era praticamente impossível evitar o cheiro a esgotos, um odor incontornável que impregnava as próprias paredes dos edifícios circundantes.

Ao voltar ao seu lugar, Jasper pousou o copo de Lynd na beira da secretária.

– Vou encontrar-me com Miss Martin hoje à tarde e ficarei a saber como está Montague empenhado em conseguir a sua mão. Talvez esteja tão desesperado que se tenha tornado num idiota.

– Um absurdo – zombou Lynd. – Todo este assunto. Se alguém está decidido a casar com ela, que lhe peça diretamente. Mas suponho que todo o bando de candidatos seja palerma ou que estejam todos desesperados por misturar a sua linhagem com a dos Tremaine. Ela devia agradecer por a fortuna do seu falecido pai atrair tantos pretendentes. Sem ela, ser-lhe-ia muito difícil atrair um homem.

Jasper ergueu as sobrancelhas. Sentira-se atraído por ela no momento em que ela abria a boca pela primeira vez.

– Francamente – continuou Lynd –, ela devia escolher um pobre coitado e acabar com isto. Era o que qualquer outra mulher faria. Deram-lhe demasiada liberdade. Foi ela própria quem decidiu contratar um caçador de ladrões e o conde está demasiado ocupado com o labirinto que é a sua mente para a controlar. A única participação de Melville no nosso encontro foi consigo mesmo.

– Queres chegar a algum lado com essas críticas à minha cliente?

– Seis semanas parecer-te-ão uma vida inteira. Não há compensação que possa restituir a perda de sanidade. Ela é terrivelmente obstinada, o que não é normal numa mulher. Teve a desfaçatez de me olhar de alto, uma verdadeira proeza, já que sou mais alto do que ela, e de me dizer que devia contratar um alfaiate decente. Não tem qualquer sensatez. Não sei como a tolerarei durante toda a nossa reunião. Fez-me ranger os dentes.

– Então, ainda bem que recusaste o caso – respondeu Jasper calmamente. – Está visto que não darias um pretendente convincente.

– Se tu conseguires, então diria que erraste na profissão e que deverias ter ido para ator.

– Farei tudo o que for preciso para que o Montague não consiga o dinheiro de que precisa para recuperar a promissória que tenho na minha posse. – E que reviravolta aquela em que a melhor forma de o travar era seduzir Eliza Martin.

– A vingança consome-te, rapaz, como um cancro. Não te esqueças disso.

Jasper esboçou um sorriso amargo.

Lynd encolheu os ombros e rematou:

– Mas farás como entenderes. Aliás, como sempre.

A promissória que Jasper detinha era da escritura de uma parcela de terra em Essex, que continha uma casa modesta e que era a propriedade mais pequena a que Jasper tinha direito. Mas, para ele, tinha um valor incalculável. Representava anos de meticoloso planeamento e a retribuição que lhe era devida. E, dentro de seis semanas, seria irrevogavelmente sua para poder destruir ou exhibir à sua vontade.

Jasper tirou uma bolsa de moedas da gaveta da secretária e empurrou-a até à ponta da secretária.

Lynd hesitou antes de pegar na bolsa de seda.

– Quem me dera poder dar-me ao luxo de recusar.

– Que disparate. Devo-te mais do que alguma vez te poderia pagar.

Contornando a secretária, Jasper acompanhou Lynd até à entrada e despediu-se. Quando o outro saiu, olhou de relance para o relógio sobre a lareira no seu gabinete.

Faltavam poucas horas para o encontro com Miss Eliza Martin e estava mais impaciente do que seria razoável. Nem sequer devia pensar nela, uma mulher que o considerava ser mais músculos do que cérebro. Cumpria sempre os seus objetivos tratando de cada desafio na altura certa e com toda a sua atenção. O encontro com Eliza era mais tarde e tinha outros assuntos para tratar entretanto. No entanto, parou à entrada do

gabinete onde questões urgentes o aguardavam, a pensar no que iria vestir, se deveria impressionar ou se seria melhor imitar o estilo discreto dela para conseguir o que pretendia.

Jasper deu por si a desejar que ela o aprovasse. Seria uma vitória suada, o que fazia valer mais o esforço.

– O *trone d'amour* – murmurou, retocando o lenço. Acabou por se decidir por um estilo, dirigiu-se à secretária, determinado a não pensar na sua mais recente cliente durante uma hora, pelo menos.

Jasper cruzou a ombreira da porta da casa de Melville às onze horas exatas. Fechou o relógio de bolso e esperou um instante enquanto o mordomo lhe guardava o chapéu e a bengala. Mas foi um instante que saboreou pela expectativa que o dominava. Pensara nas possíveis razões por que estaria tão ansioso por este encontro e chegara à conclusão que era a capacidade de Eliza Martin de o surpreender que lhe agradava.

Ao dar-se conta disto, percebeu subitamente que já nada o surpreendia. Sabia exatamente o que os outros diriam antes de o dizerem e como reagiriam antes de reagirem. Era assim que funcionava o mundo, eram as regras do decoro e a sua aguda percepção da natureza humana. Socializar era como uma peça de teatro, em que todos os atores conhecem as suas falas e sabem quando as devem pronunciar.

Mas nada do que Eliza dissera até então fora previsível.

– Por aqui, por favor.

Jasper seguiu o mordomo até um escritório e parou à entrada enquanto era anunciado. Com os dedos entrelaçados atrás das costas, estudou a divisão, reparando em como o pesado mobiliário masculino contrastava com as cortinas drapeadas às flores em tons pastel e com as pinturas de pitorescas paisagens campestres. Como se aquele espaço tivesse sido, outrora, o domínio de um homem, mas tivesse deixado de o ser.

– Oh, bom dia, Mister Bond.

O mordomo fez uma vénia e afastou-se, revelando a mulher esguia que a sua figura alta escondera. Eliza estava sentada a uma secretária de nogueira tão grande que parecia diminuída por detrás dela. Tinha um olhar abatido, o cabelo apanhado no alto da cabeça em canudos macios e os ombros parcialmente escondidos pela renda delicada que decorava um modesto corpete.

Jasper entrou e dirigiu-se a uma de duas cadeiras de madeira entalhada em frente à secretária. Antes de se sentar, olhou para baixo, para o que a ocupava. Livros de contabilidade. Ela trabalhava neles diligentemente, preenchendo as colunas a uma velocidade incrível e com números muito bem desenhados.

– Mais uma vez – sussurrou –, foi pontualíssimo.

– Mais um dos meus defeitos? – inquiriu ele.

Ela levantou o olhar, estudando-o por baixo do véu de espessas pestanas castanhas-avermelhadas.

– Chá?

– Não, obrigado.

Eliza pousou a pena e mandou o mordomo embora.

– A pontualidade diz-me que valoriza o tempo e sugere que também valorizará o meu, o que muito agradeço.

– E que outras coisas valoriza, Miss Martin?

– Não percebo o que quer dizer.

Jasper sorriu.

– Se vou ser seu pretendente apaixonado ou simplesmente um caçador de fortunas que a elegeu como alvo, devo saber coisas sobre si.

– Estou a ver. – Eliza franziu o sobrolho e acrescentou:

– Valorizo a minha privacidade, estar sozinha, os livros da minha biblioteca, o meu cavalo e o meu dinheiro.

Jasper observou-a a bater ligeiramente com as pontas dos dedos no livro que tinha à frente.

– É Miss Martin quem trata das suas contas?

– Tal como o meu pai fazia antes de mim.

– Porque não casou?

Eliza recostou-se e cruzou os braços.

– É casado, Mister Bond?

– Jasper – corrigiu ele, pois queria ouvir o seu nome pronunciado pela sua voz suave, mas fria. – E não, não sou casado.

– Então faça-lhe a mesma pergunta. Porque não casou?

– A minha forma de vida não é compatível com o casamento. Tenho horários estranhos e companhias ainda mais estranhas.

– *Humm...* Bom, eu não casei porque ainda não encontrei um homem cuja companhia valha o esforço. – Encolheu os ombros. – Sinceramente, para mim o casamento é uma proposta extremamente dispendiosa. Para além de perder o domínio da minha fortuna, estaria a concordar passar uma quantidade desmedida de tempo com outra pessoa. Sou estranha, eu sei, ou simplesmente uma Tremain, mas socializar é, para mim, mais cansativo do que refrescante. Tenho de ponderar cada palavra e depois filtrar tudo na minha mente antes de falar para que o que me sai da boca não ofenda ninguém pela sinceridade.

E eis que ali estava o segredo para a levar para a cama: encorajá-la a ser ela própria. Para ele não era problema, já que gostava das suas afirmações sem filtros e dos seus julgamentos ponderados. Estava ansioso pelo desafio de revelar a mulher por detrás do cérebro.

– Eliza – ronronou ele, observando a reação dela à sua inesperada familiaridade. A ligeira dilatação das íris, o pestanejar imperturbado e a visível aceleração da pulsação no pescoço. – Devo confessar que hoje de manhã estava muito ansioso pelo nosso encontro, precisamente por causa das palavras que poderiam sair da sua boca.

E isto fê-lo pensar noutras coisas dessa característica em particular que lhe agradavam. Como a curva do lábio inferior, a forma como o contraía levemente quando ele a espicava. Até a forma como se mexia quando ela falava. As coisas que ele queria fazer com aquela boca chocavam-no até a ele. Queria